Data: 03.04.2020
Titulo: Preços devem travar mas pode haver surpresas
Pub: JORNAL DE negócios
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 18

QuickCom comunicação integrada

INFLAÇÃO

Preços devem travar mas pode haver surpresas

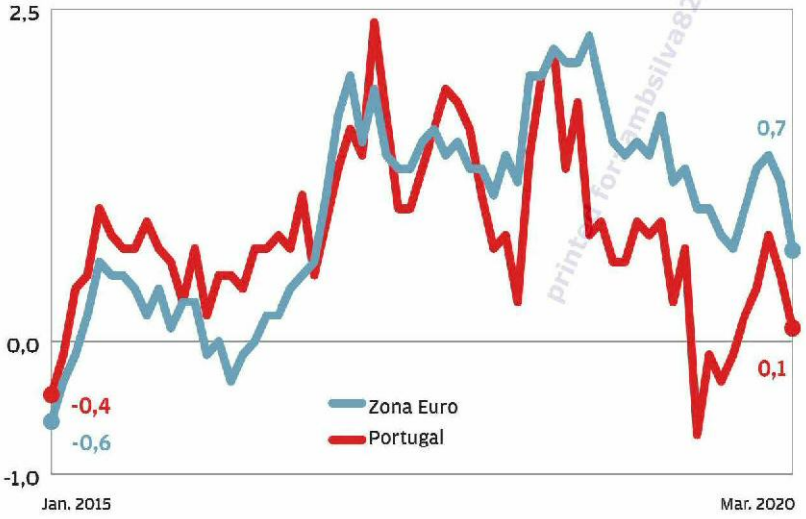
Os primeiros dados sobre a inflação mostram que a covid-19 está a começar a travar os preço e as instituições admitem que o efeito descendente deve continuar. No entanto, o efeito do vírus nos preços vai depender da duração e dos efeitos da própria crise.

Área: 628cm²/ 67%
Tiragem: 16.981
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6792600

ZONA EURO APROXIMA-SE DE PORTUGAL

A taxa de inflação anual (IHPC) da zona euro e de Portugal, mensal 2015-2020

Desde o final de 2017, que a inflação registada em Portugal é inferior à da zona euro. Em março deste ano, o IHPC caiu mais na zona euro (-0,5 pontos para 0,7%) do que em Portugal (-0,4 pontos para 0,1%), segundo os dados recolhidos pelo Eurostat.



Fonte: Xxxxxxxxxx

0,1%

IHPC DE MARÇO

Segundo o Eurostat, o IHPC também foi de 0,1% em março, menos 0,3 pontos do que em fevereiro.

0,2%

IHPC EM 2020

Num cenário base, o BdP prevê um IHPC de 0,2% em 2020, menos 0,1 pontos do que em 2019.

Data: 03.04.2020
Titulo: Preços devem travar mas pode haver surpresas
Pub: Jornal de Negócios
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 18

SUSANA PAULA
susanapaula@negocios.pt

A pandemia do novo coronavírus pode travar o crescimento dos preços em Portugal e na zona euro, mas a duração da crise e a forma como as empresas e os consumidores vão lidar com ela podem trazer surpresas.

Os dados provisórios de março mostram um abrandamento significativo da taxa de inflação na zona euro, quando o epicentro da epidemia chegou à Europa. A taxa de inflação anual (medida pelo Índice Harmonizado de Preços no Consumidor, IHPC) nos países da moeda única foi de 0,7%, abaixo dos 1,2% registados em fevereiro, segundo os dados do Eurostat. Portugal foi, juntamente com a Grécia e Chipre, o país que apresentou uma taxa de inflação mais baixa em março, de 0,1% (o que equivale a uma queda de 0,4 pontos percentuais face a fevereiro). Segundo explica o Instituto Nacional de Estatística (INE), a desaceleração deveu-se sobretudo à queda em torno de 3,1% nos produtos energéticos, associada aos conflitos entre os países produtores de petróleo e à redução da procura com a pandemia, o que fez cair os preços nos mercados internacionais.

Na estimativa rápida divulgada terça-feira, o INE afirma que estes números "traduzem já algum impacto da pandemia", mas que "é possível que as tendências se alterem substancialmente".

O que vai acontecer então aos preços com o novo coronavírus? O Banco de Portugal, num cenário base, estima que a inflação desça de 0,3% em 2019 para 0,2% em 2020. Num cenário mais adverso, os preços recuam 0,1% este ano. No entanto, o banco central admite incerteza quanto à projeção, mas assume "que prevalece algum efeito descendente sobre os preços", lê-se no boletim económico divulgado há uma semana.

O BdP espera "variações significativas de preços no curto prazo". Por um lado, reduções de alguns serviços, sobretudo no turismo e atividades recreativas, e subidas no caso de bens alimentares e outros produtos considerados essenciais. Já os bens energéticos devem continuar a pesar para o lado negativo. Em suma, o impacto nos preços está relacionado com a natureza do próprio choque económico da covid-19. Se por um lado a redução da procura, pelo confinamento, podia fazer baixar os preços; a falta de oferta de alguns bens pode levá-los a subir.

Para já, defende António da Ascensão Costa, economista do ISEG, "o maior problema é o da contenção da procura e isso tende a fazer baixar os preços".

Mas a "tendência [para os próximos meses] ainda não está definida", acrescenta. "O mercado não está a funcionar. O choque é pelos dois lados", sublinha. No entanto, o professor da Universidade de Lisboa admite que, "como simultaneamente há uma contenção da oferta, também pode haver um problema nesse sentido". Ou seja, que faça subir os preços.

Já João Loureiro, economista da Faculdade de Economia do Porto, prefere olhar para os primeiros dados como um "ponto de partida" para discutir o que vai acontecer na inflação no futuro. "É uma pergunta difícil".

"Quanto mais tempo demorarmos a voltar à normalidade, mais empresas desaparecem. Podemos ter um problema potencial da escassez da oferta. Se fosse o único problema, havendo procura, a pressão [sobre os preços] seria positiva", afirma o professor da Universidade do Porto. Ao mesmo tempo, o impacto da procura na inflação também vai depender "desde logo o nível do desemprego, que puxa a inflação para baixo", afirma João Loureiro.

E lá fora, o que se espera?

Também as organizações internacionais esperam um abrandamento na inflação. Na zona euro, o IHPC deve descer de 1,2% para 1,1% este ano, divulgou o Banco Central Europeu em meados de março. Também a OCDE espera que dos "choques combinados" resultem "efeitos deflacionários", que podem baixar a taxa de inflação anual em 0,25 pontos percentuais nos no conjunto das economias que a compõem. ■

> **O maior problema é da contenção da procura e isso tende a fazer baixar os preços. [...] Mas a tendência ainda não está definida.**
> **ANTÓNIO DA ASCENÇÃO COSTA**
> Professor do ISEG

> **Quanto mais tempo demorarmos a voltar à normalidade, mais empresas desaparecem. Podemos ter escassez de oferta.**
> **JOÃO LOUREIRO**
> Professor da Faculdade de Economia do Porto

Área: 628cm²/ 67%
Tiragem: 16.981
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6792600